

RESENHA

HÖFLING, Ana Paula.

Staging Brazil: choreographies of capoeira

Middletown, CT: Wesleyan University Press, 2019. 225 p.

Theodora Lefkaditou

Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Barcelona

Fazer um estudo sobre a relação entre a capoeira e “o palco” (*stage*) é a ambição de Ana Paula Höfling. Baseada em uma pesquisa em arquivos históricos e na sua experiência de capoeirista, trata de temas já clássicos entre os pesquisadores da capoeira, como a relação entre a “tradição” e a “modernidade”, a “invenção da tradição”, os efeitos da globalização e do turismo e a suposta “descaracterização” da capoeira (REIS, 1993; ESTEVES, 2004; AMARAL, 2011; MAGALHÃES FILHO, 2011; WESOLOWSKI, 2011; LEFKADITOU, 2014; BRITO, 2017; DELAMONT; STEPHENS; CAMPOS, 2017).

Ana Paula Höfling aborda a importância da pesquisa nos arquivos históricos, que, segundo ela, pode revelar aspectos que a etnografia nem sempre consegue captar. Aliás, a autora se define como historiadora da capoeira e usa o conceito da invenção da tradição, elaborado pelos historiadores Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1983), para descrever esse processo na capoeira. Ao mesmo tempo, se inspira também nos estudos críticos no campo do turismo, na sociologia de Erving Goffman (1959), e adota o conceito de sincretismo elaborado pelo antropólogo Andrew Apter (1991). Ao longo do livro, enfoca o estudo de movimentos específicos para entender melhor a sua continuidade e reinvenção, enquanto também usa seu próprio corpo para experimentar esses movimentos. A maior ênfase é dada aos “balões” e às “chamadas” (capítulos 1 e 2).

O seu enfoque, como diz a autora, foi inspirado pela sua própria passagem da capoeira Regional para a capoeira Angola, o que lhe permitiu refletir sobre a dicotomia entre os dois diferentes estilos e anotar sua influência mútua. Dividido em quatro capítulos, o livro procura atribuir e reconhecer “intencionalidade”, “modernidade”, “originalidade” e “criatividade” aos mestres de capoeira e se afastar de um discurso de “perda”.

No primeiro capítulo, apresenta uma análise de três diferentes projetos, se esforçando para estabelecer continuidades entre eles. Trata-se dos manuais: *Gymnástica Nacional (capoeiragem) methodizada e regrada*, de Annibal Burlamaqui (1928); *Curso de capoeira regional*, de Mestre Bimba (1963); e *Capoeira angola*, de Mestre Pastinha (1964). Os três, observa Höfling, têm o objetivo de resgatar diferentes aspectos da capoeira, em um processo de legitimação da prática no contexto da formação da identidade nacional no Brasil. Enquanto os processos da legitimação e da transformação da capoeira são também analisados por outros pesquisadores no campo da Antropologia e da História (REIS, 1993; DOWNEY, 2002; DIAS, 2004; PIRES, 2004; ASSUNÇÃO, 2005; ABREU, 2005; MAGALHÃES FILHO, 2011), como também a relação entre intelectuais e capoeiristas (VASSALO, 2003; LEFKADITOU, 2014), Ana Paula Höfling questiona o discurso da “perda”, supostamente presente em Reis, Pires e Downey, que associam o trabalho de Burlamaqui ao “embranquecimento”. Assim, tenta resgatar o trabalho de Burlamaqui dessa crítica, caracterizando-o como uma “apropriação discursiva” bem parecida com os projetos dos Mestres Bimba e Pastinha. Segundo a autora, tanto Burlamaqui como Mestre Bimba e Mestre Pastinha tinham que enfrentar e lidar com os mesmos estigmas sociais. Assim, criaram e apresentaram uma capoeira que ao mesmo tempo era folclore e esporte, brasileira e afro-brasileira, moderna e tradicional.

Já no segundo capítulo, apresenta de uma maneira mais detalhada a relação entre intelectuais e artistas – como Edison Carneiro, Jorge Amado e Pierre Verger – e o mundo da capoeira. Aqui também a autora propõe que tanto a modernidade como a tradição na capoeira são inventadas. Assim, se o Mestre Pastinha inventou uma tradição e a capoeira como jogo/dança, o Mestre Bimba inventou a modernidade da capoeira.

O terceiro capítulo estuda a relação complexa entre o turismo e a capoeira. Como diz Ana Paula Höfling, as exposições para os turistas não significavam necessariamente uma “perda da tradição”. Nesse tipo de *show*, os capoeiristas podiam voltar a usar movimentos em desuso em outros contextos, como os *balões*. No caso das *performances* de Mestre Bimba, era uma oportunidade de apresentar acrobacias

que, como afirma a autora, lembram práticas violentas da capoeira do século XIX. Dessa maneira, Höfling identifica e estabelece continuidades com o passado. Nesse capítulo, a autora nos apresenta também o trabalho e as particularidades de Mestre Canjiquinha, criador dos ritmos Samango e Muzenza. A autora chama o trabalho de Canjiquinha de “coreografia” em uma tentativa de lhe atribuir originalidade e identificar “invenção” e “modernidade”.

A expansão da capoeira e seus espetáculos nos palcos globais, com grupos organizados por diretores da classe média e com limitada participação de capoeiristas afrodescendentes, são meticulosamente examinados no quarto capítulo. Trata-se de um capítulo fascinante, cheio de informações mostrando um conhecimento profundo dos *shows* e das *performances* de capoeira desse período. Aqui, Ana Paula Höfling pretende de novo caracterizar a modernidade e a criatividade dos sujeitos sociais. De “corpos primitivos”, “incapazes de tomar decisões”, passamos a “corpos afro-diaspóricos” (HÖFLING, 2019, p. 141). A relação complexa entre “preservação e inovação, modernidade e tradição” (*Ibidem*, p. 135), entre a arte e o folclore – assim como os dilemas que enfrentaram os organizadores de tais espetáculos –, é exemplificada e elaborada nas trajetórias de grupos como o Viva Bahia, de Emilia Biancardi. Nesse contexto, diz Höfling, o palco se transforma em um lugar que permitiu a capoeiristas como João Grande, através do uso de movimentos mais livres, iniciar “um processo criativo em vez de focar apenas na sobrevivência” (*Ibidem*, p. 159). O palco, aqui, se apresenta como um espaço privilegiado.

O livro oferece ao leitor um relato vibrante da invenção das tradições da capoeira e a relação desta com o palco. Tem uma riqueza de informação, sobretudo no capítulo quatro, que, com certeza, será de grande interesse e agrado para os capoeiristas e pesquisadores da capoeira. O trabalho também propõe reflexões importantes sobre a maleabilidade da capoeira e da cultura e problematiza as dicotomias através das quais os discursos sobre a capoeira foram e são feitos. Entretanto, há uma certa ambiguidade no esforço de problematizar a “modernidade” e a “tradição”. Como os conceitos nem sempre são bem definidos, o trabalho corre o perigo de reproduzir as próprias dicotomias das quais pretende escapar, como uma capoeira “mais livre” no palco e outra de “sobrevivência” fora dele.

Outra contribuição significativa da autora é sua intenção de historicizar os sujeitos sociais e atribuir e reconhecer o que chama de “agência” (*agency*) e “autoria” (*authorship*) aos capoeiristas no processo criativo da transformação da cultura.

O livro é concluído com a frase: “Muito literalmente vista através dos olhos dos outros, a capoeira foi moldada através das lentes de fotógrafos e cineastas, escrita e codificada em manuais com o objetivo de ampliar seu apelo, e encenada ao redor do mundo para encontrar uma imagem de destino do excesso afro-latino” (*Ibidem*, p. 167).

Justamente nessa reflexão final, a capoeira se apresenta como “formada” (*shaped*) e praticamente vista “através dos olhos dos outros” (*Ibidem*, p. 167). Assim, o livro também revela dificuldades, ambiguidades e contradições que os pesquisadores do campo da capoeira enfrentam e das quais, às vezes, não conseguem escapar.

Ana Paula Höfling observa no início do livro que as respostas dadas pelos mestres de capoeira “se sentiram ensaiadas” (*Ibidem*, p. xii) e, por isso, a incitaram a pesquisar nos arquivos. Sem privilegiar tanto o trabalho nos arquivos, a obra poderia ter se beneficiado de um diálogo com pesquisas antropológicas que examinam essas questões, incluindo reflexões dos próprios capoeiristas, que questionam dicotomias e discursos nas suas práticas diárias, no presente.

Referências bibliográficas

ABREU, Frederico José de. *Capoeiras: Bahia, século XIX*. Salvador: Instituto Jair Moura, 2005. v. I.

AMARAL, Bruno Andrade. *Vadiação diaspórica: o jogo da capoeira com a modernidade brasileira*. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra, 2011.

APTER, Andrew. “Herskovits’s heritage: rethinking syncretism in the African Diaspora”. *Diaspora: a journal of transnational studies*, 1(3), 1991, p. 235-260.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. *Capoeira: the history of an Afro-Brazilian martial art*. Londres: Routledge, 2005.

BRITO, Celso de. *A roda do mundo: a capoeira angola em tempos de globalização*. Curitiba: Appris, 2017.

DELAMONT, Sara; STEPHENS, Neil; CAMPOS, Claudio. *Embodying Brazil: an ethnography of diasporic capoeira*. Londres: Routledge, 2017.

DIAS, Adrianna Albert. *Mandinga, manha e malícia: uma história sobre os capoeiras na capital da Bahia (1910-1925)*. Salvador: Edufba, 2006.

DOWNEY, Greg. "Listening to capoeira: phenomenology, embodiment, and the materiality of music". *Ethnomusicology*, 46(3), 2002, p. 487-509.

ESTEVES, Acúrsio Pereira. *A "capoeira" da indústria do entretenimento: corpo, acrobacia e espetáculo para "turista ver"*. Salvador: Bureau Gráfica e Editora, 2004.

GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. Nova Iorque: Anchor Books, 1959.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *The invention of tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LEFKADITOU, Theodora. The social and cultural effects of capoeira's transnational circulation in Salvador da Bahia and Barcelona. Tese de Doutorado. University of Barcelona, 2014.

MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. *Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, 2011.

PIRES, Josivaldo. *Pelas ruas da Bahia: criminalidade e poder no universo dos Capoeiras na Salvador republicana (1912-1937)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, 2004.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. *O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.

VASSALO, Simone Pondé. "Capoeira e intelectuais: a construção coletiva da capoeira 'autêntica'". *Estudos Históricos*, 32, 2003, p. 106-124.

WESOLOWSKI, Katya. *Hard play: capoeira and the politics of inequality in Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Columbia University, 2007.